

PAREM TODOS OS RELÓGIOS

Nuno Amado

Parem todos
os Relógios

Romance

OPICINA
DO LIVRO

Título: *Parem todos os Relógios*

© 2017, Nuno Amado e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, L.^{da}

Edição: Maria do Rosário Pedreira

Revisão: Madalena Escourido

Capa: Maria Manuel Lacerda / Leya

Imagem da capa: © Magdalena Russocka / Trevillion Images

Paginação: Leya, S.A.

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, L.^{da}

1.^a edição: Novembro de 2017

ISBN: 978-989-74-1861-7

Depósito legal n.º 429 291/17

Reservados todos os direitos

Oficina do Livro – Sociedade Editorial, L.^{da}

(uma empresa do Grupo Leya)

Rua Cidade de Córdova, 2

2610-038 Alfragide · Portugal

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Este livro segue a grafia anterior ao Novo Acordo Ortográfico de 1990.

*Para a minha mãe, Maria da Graça,
e para a minha irmã, Madalena,
as mulheres destemidas com quem cresci*

*«You must save what you can of your life;
you mustn't lose all simply because you've
lost a part»*

HENRY JAMES, *THE PORTRAIT OF A LADY*

Prólogo

Todos lhe dizem que a culpa não é dela. No princípio irritava-a, mas com o tempo tornou-se uma fórmula vazia, como quando dois conhecidos, depois de anos sem se verem, se cruzam na rua e dizem um ao outro que *está tudo bem*. A sensação de alheamento, que começou nos dias de cerimónias e roupas pretas, permanece graças aos muitos comprimidos que constituem a quase totalidade da sua dieta. A resistência do marido não dura muito. Ambos sabem que é incosequente, que ele só permanece por sentido de dever. É com alívio que após alguns meses o vê partir. Teve de lhe bater e de lhe cuspir na cara, teve de mentir e de dizer que o odiava, que lhe repugnava a sua falta de carácter, a sua incapacidade de lhe apontar o dedo.

Aconteceu-lhe o pior que pode acontecer a alguém, e é a única responsável. O seu primeiro impulso é óbvio, mas não o segue. Seria uma cobardia, uma forma mesquinha de não assumir a responsabilidade, de se furtar às consequências do que fez. Custa-lhe suportar a piedade, a consternação alheia, como se ela fosse vítima, e não autora. Só na mãe nota, escondido mas inegavelmente presente, um ressentimento pelo seu crime, pelo «acidente». E, por isso, só se permite ser tocada, consolada, pela mãe. Os outros causam-lhe repulsa com os

seus chavões piedosos, com as suas falas mansas, com a sua atitude morna. Uma freira do colégio, no fim da cerimónia, já perto do carro, veio dizer-lhe que Deus tem desígnios estranhos, mas que não deve ver o que aconteceu como um castigo e, acima de tudo, não se deve responsabilizar, porque toda a gente sabe que ela é uma mulher bondosa. «Eu, uma mulher bondosa?», perguntou-lhe. Surpreendeu-a a força com que deu um estalo à religiosa e o prazer de a ver agarrada à cara.

Agora, que o marido a deixou, não se esconde. Para angústia dos que a rodeiam, não só não evita falar do que aconteceu como aproveita qualquer motivo para o contar seja a quem for. As pessoas reagem com horror e depois com pena. Quer ser vista como um monstro, mas tratam-na como uma deficiente. Contudo, não desiste. Diz mal da criança. Que era mimada, que era difícil, desobediente, burra, que nunca viria a ser ninguém. Satisfá-la a forma chocada como a olham, as lágrimas fáceis que por vezes soltam. A quem lhe propõe terapia responde sempre da mesma maneira eficaz: diz que a terapia correu tão bem que acabou a fazer um broche ao psiquiatra. Acham-na louca. Fala-se de a internarem, mas a mãe opõe-se.

Nas noites mais difíceis, sai à procura de um homem que a repugne e tenta trazê-lo para casa. Aos que vêm com ela, e poucos se recusam, leva-os depois para a cama pequena, ainda com os mesmos lençóis coloridos e a colcha com desenhos. Por vezes nem esta profanação chega como castigo. Insulta-os, diz-lhes que têm a pila pequena, que não sabem foder. Consegue que alguns lhe batam, mas nunca com força que chegue. Um deles, depois de escutar, passivo, o chorrilho de ofensas, pergunta-lhe: «Mas o que é que te aconteceu?» Ela conta-lhe, num tom bem mais perto do orgulho do que da confissão. O homem abana a cabeça e responde que, nesse caso, o crime é o seu próprio castigo. Ela cospe-lhe na cara e quase com prazer

prevê o golpe. Mas ele limpa o cuspo, veste-se e vai-se embora com um ar triste sob um vendaval de insultos.

Aconteceu-lhe o pior que pode acontecer a alguém. E a culpa é sua. Não há redenção possível, castigo grande o suficiente, penitência realizável. Interessa-se por Deus, mas não um Deus de perdão, antes um cruel e castigador. Não quer falar com o criador dos céus, dos animais, da música, das crianças. Não. Quer o Deus dos assassinios, das guerras, do Holocausto. O Deus que a enviará para o inferno. E só esse castigo, só uma eternidade de chamas e enxofre como a que os padres lhe descreviam poderá finalmente consolá-la, poderá estar à altura da sua culpa.

As estações mudam. A dor, apesar de não se deixar derrotar, muda de tática. Em vez de a atacar com tempestades, transforma-se numa névoa permanente que lhe permite voltar a uma vida rotineira. Deixa de dizer às pessoas o que fez, de procurar homens que abusem dela ou lhe batam, de imaginar castigos à altura do sucedido. Os dias e as horas passam por ela como água no duche. Há qualquer coisa em si que sobrevive, que toma as centenas de pequenas decisões que são precisas para eliminar mais um dia, que vai daqui para ali, fala com outras pessoas, conduz o mesmo carro que destruiu o mundo, compra detergente, come sopa ou uma sanduíche, atende o telefone à mãe, paga a conta da luz. Mas essa coisa não é ela nem é ninguém. É apenas um conjunto de reflexos, estertores automáticos que se confundem com a vida.

A consistência do tempo muda. Calendários, relógios, agendas, tudo se tornou incompreensível. O que significa meia hora, o que significa um mês? Acontece-lhe parar a meio de uma acção. Dá por si em certos locais sem saber como foi lá ter. Um dia, mais de meio ano depois, sente um toque suave no braço. Uma mulher mais velha está a falar-lhe com delicadeza. Parece preocupada. Estão no corredor dos congelados,

no supermercado. Demora a perceber o que a velhota lhe quer dizer. Olha para baixo e vê uma pequena mancha de sangue nas calças. Pela primeira vez desde o acidente voltou a ter o período. Limita-se a encolher os ombros fazendo com que a outra mulher se afaste, incomodada.

Na fila para a caixa, sem pressa de ir à casa de banho, anseia que alguém lhe pergunte pela mancha para poder dizer que é sangue, que todas as mulheres passam anos a sangrar, e a fazer os possíveis e impossíveis para que não se note, para que os homens não tenham de ser incomodados com a maquinaria desagradável que lhes faz os filhos. Porque é às mulheres que cabe a preocupação, é às mulheres que cabe serem boas mães. Ela não o foi. Ela foi a pior mãe que se pode ser. E o que faz a natureza? Passados poucos meses, devolve-lhe essa possibilidade e anuncia-o de forma nada subtil. Mas ninguém lhe pergunta pela mancha. Ninguém quer saber de nada. Nem as pessoas, nem a natureza, nem Deus. Estão todos a borrifar-se para que tenha atropelado o seu filho, para que tenha manchas de sangue nas calças, para que esteja há meses a tentar não se matar.

Começa a trabalhar num sítio onde ninguém a conhece nem sabe o que aconteceu. Não suportaria um dia-a-dia sob os olhares de comiseração dos seus ex-colegas, bastou ter de os ver no funeral. É um trabalho mecânico e repetitivo que a faz esquecer-se de si própria. O desespero parece começar a perder a batalha e retira-se para pontos estratégicos. Se ainda lhe domina por completo as noites, as suas investidas diurnas são cada vez mais fracas. Um dia, uma colega diz uma piada que a faz rir com gosto. Não passa uma semana até que ela mesma faz rir o escritório. Começa a deixar de almoçar sozinha. Quando lhe perguntam se tem filhos, apesar de uma hesitação momentânea, responde que não.

A mãe visita-a para lhe dizer que pretende voltar para a sua casa no estrangeiro, mas precisa de ter a certeza de que

ela está bem. Surpreende-a o pouco que tem de mentir. A mãe deixa o país, mas continua a telefonar-lhe todos os dias para obter um relatório detalhado de tudo o que ela faz.

Quase um ano depois, está a atravessar o parque quando ouve o seu nome num tom inesperado. É uma criança que a chama. Vem pela mão da mãe. Cumprimentam-na, a criança embaraçada e a mãe com um sorriso gentil mas cauteloso. Demora uns segundos a reconhecê-los. É um amigo do seu filho. Beijam-se na cara, trocam palavras de circunstância.

– O Nino cresceu imenso, quase não o reconhecia! – diz, obrigando-se a ser simpática.

– Pois é, eles crescem num instante, nem temos tempo para aproveitar! – responde a mulher, mas, assim que nota o «nós» na banalidade que proferiu, faz uma expressão de pânico por achar que foi indelicada.

– Sim, ele está um matulão, não estás? – Ela desvia a conversa para o miúdo, procurando fingir que não notou a preocupação atabalhoada da mãe.

O encontro deixa-a muito abalada. Regressa a casa de imediato e lança-se a chorar na cama pequena. O pequeno Nino cresceu. O pequeno Nino vai continuar a crescer, e vai tornar-se um adolescente, e depois vai namorar, vai chegar a adulto e vai ter filhos. O Nino, mil vezes mais feio e burro do que o seu filho, mil vezes menos preparado para a vida, um milhão de vezes menos merecedor desta. Mas a mãe dele não é como ela, a mãe dele sabe olhar pelo espelho retrovisor, a mãe dele não é uma assassina.

Dois dias depois, a decisão já tomada, telefona à mãe, para a avisar de que está a caminho. Diz que vai finalmente seguir o conselho dela e fazer umas férias. Nos primeiros dias a mãe observa a filha como uma espia, mas o seu comportamento é exemplar. Passam-se duas semanas sem que nada de preocupante ocorra. Convencida de que o cabo das

tormentas já foi dobrado, anuncia-lhe que vai passar o fim-de-semana à capital e convida-a para a acompanhar. Ela recusa com a desculpa de que está bem no paraíso.

Custa-lhe não se virar quando a mãe se está a despedir, mas é importante manter a aparência de leveza em que tanto investiu. Permanece como está, de pé, com uma mão a segurar um tomate e a outra uma faca, até que ouve o carro arrancar. Decide fazê-lo nessa noite. Um cansaço de milénios inunda-lhe o corpo. Agora, que está tudo tão próximo, que nunca mais será preciso fingir nada perante ninguém, sente-se finalmente em paz. Deita-se para dormir uma sesta curta.

Acorda de manhã. Dormiu mais de dez horas. Sente-se desiludida consigo, como se estivesse atrasada para qualquer coisa. Reformula o plano para as novas circunstâncias. Veste o biquíni debaixo de um vestido e sai com um saco de pano dentro do qual, no lugar de uma toalha, leva uma corda.

Caminha meia hora até chegar ao local desejado. Com cuidado, desce a falésia e chega perto do mar, a uma rocha plana pouco mais alta do que o nível da água. As ondas batem sem grande força contra os rochedos. Só a muitos metros de distância, quer para a esquerda, quer para a direita, há areia e praias. Ali está sozinha e apenas com grande esforço poderá ser avistada por um barco que esteja a passar ao largo. Não consegue esquecer que o dia está belo, que o cheiro a mar lhe chega maravilhoso, que a sua pele sente com prazer o hálito do sol. Coloca uma série de pedras no saco até que este se torna pesado e depois fecha-o com uma corda. Está quase pronta. Senta-se na rocha. As ondas batem e a água salpica-lhe os pés e as pernas. Despe o vestido, dizendo-se que será mais fácil para nadar a distância adequada. Deita-se para trás, as pernas dobradas, a cabeça apoiada nas mãos cruzadas debaixo da nuca. Fecha os olhos e sente o sol.

Passa alguns minutos assim, de olhos fechados, a ouvir as ondas e a sentir salpicos de água sobre o corpo. Começa a cantar a canção preferida do seu filho. A lengalenga comove-a: as palavras inocentes, as rimas que ele acentuava em risos eufóricos. Vê-o a cantar como já não o via há muito tempo e essa imagem parece-lhe mais real do que tudo o que viu desde o acidente. A sua voz é embargada pelo choro, mas canta a canção até ao fim.

Levanta-se. Ata ao tornozelo a corda que fecha o saco. Está pronta. Pega no saco e salta para o mar. Enquanto o saco se afunda, nada tão depressa como consegue para longe das rochas. O peso da corda nos pés começa a fazer-se sentir uns dez metros fora da costa. Redobra o esforço. O saco já a apanhou e está agora debaixo dela. Sente a sua força, mas insiste em arrastá-lo uns minutos mais. Só quando se sente exausta é que pára. Com algumas braçadas vigorosas, consegue manter-se à tona. Devia ter enchido totalmente o saco, pensa. Como está, terá de se esforçar ainda mais do que esperava. Olha para a costa, para o céu, para o Sol. Por força do hábito, enche o peito de ar antes de mergulhar. Empurra-se para baixo com as mãos soltando bolhas de ar que ajudam a descida. O saco toca no fundo do oceano. Experimenta deixar-se estar e vê que o corpo começa, mesmo atado a um peso, a ir para a superfície. Sopra o fôlego que lhe resta. Sente que a força que a puxa para cima e estica a corda é já insuficiente para levantar o saco. Flutua agora numa altura constante e começa a sentir o frio da água que lhe faz arder a face. Tem os olhos abertos. Não nadou o suficiente para longe da costa para que a profundidade do mar torne difícil a chegada da luz. Consegue ver cada rocha, cada alga, cada pequeno cardume de peixes que passa.

Agora é esperar.